

ENSAIO**ANCESTRAIS ENCARCERADOS: MEMÓRIAS SILENCIADAS EM ARMÁRIOS DE VIDRO¹****NOTAS SOBRE A MUSEALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL INDÍGENA**

DOMINGOS BARRETO²
MAXIMILIANO MENEZES³
RENATO ATHIAS⁴

Nas margens dos rios e igarapés da bacia do Rio Negro, onde o sopro do vento costumava carregar as histórias dos antigos, nas vozes dos povos Arawak, Tukano e Nadahupy agora ecoam em sussurros sufocados. O que outrora eram cânticos de vida e sabedoria, transformou-se em um silêncio carregado de dor. Estes povos, guardiões de segredos ancestrais, viram seus mundos virarem cinzas, suas casas de saberes reduzidas a brasas pela intolerância brutal de mãos que nunca compreenderam a essência da floresta.

Objetos de poder, considerados vivos por aqueles que os criaram, foram sequestrados, arrancados de seus lugares de origem, e aprisionados em vitrines distantes, onde seus espíritos definham. São xamãs sem voz, condenados ao esquecimento nos frios corredores dos museus da “civilização”. Rituais milenares, interrompidos à força, deixaram em suspenso a conclusão de cerimônias. As máscaras Jurupari, símbolo da resistência espiritual dos povos do alto Rio Negro, hoje repousa exilada, esperando o fogo purificador que conclua o ciclo de suas jornadas (Barreto, 2023).

Em Iauaretê, em 2003, as margens da fronteira com a Colômbia, um raro encontro de sabedores indígenas trouxe à tona a urgência de reavivar as memórias silenciadas. Os detentores do saber indígena clamaram por justiça, por restituição,

1. Este texto foi uma solicitação do conselho editorial da revista Conexões, gentilmente aceita pelos autores.

2. Liderança Tukano, Graduado em Filosofia, foi presidente da FOIRN, atualmente faz parte da Secretaria Administrativa de Associações Locais da FOIRN, um dos idealizadores do Museu Virtual dos Povos Indígenas do Rio Negro.

3. Liderança do povo Tukano, licenciado em Educação Indígena e mestrando em Geografias (UFAM), foi o coordenador do projeto de Medicina Tradicional da SSL (de 2001 à 2004) atualmente é professor na Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus de ensino Médio em Taracúá (SEDUC-AM).

4. Antropólogo, professor no Programa de Pós-graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco.

por repatriação. Mas como curar feridas tão profundas, quando os artefatos que guardam as lembranças de seus antepassados jazem esquecidos em países distantes? (Menezes et al. 2004).

Para muitos, como o Tuyuka Israel Dutra, a resposta é clara: “Um dia, teremos que trazer esses objetos de volta ao ventre de nossa mãe”. Mas para outros, a dor de rever essas peças arrancadas violentamente de seu contexto é grande demais. Queimar as máscaras, como sugeriram, talvez seja a única maneira de libertar os espíritos aprisionados (Dutra, 2021).

Os museus, com suas narrativas frias e distantes, contam uma história distorcida. Os “objetos”, como são chamados, não são apenas artefatos; são ancestrais, pedaços da alma de um povo, agora perdidos em terras estrangeiras. O etnocídio não terminou quando as malocas e casas de saberes foram incendiadas; ele persiste no aprisionamento dessas memórias vivas, disfarçado sob o manto da “preservação” e “ciência”. A verdadeira história – aquela que fala de violência, dor e resistência – precisa ser contada, não apenas para o mundo, mas também para as gerações indígenas que agora buscam documentar seu passado roubado. (Athias, 2016)

Por isso, mais do que a simples repatriação desses objetos, o que se busca é a gestão compartilhada de suas memórias. Os sabedores indígenas precisam estar à frente desse processo, não apenas para libertar seus ancestrais, mas para recontar, em seus próprios termos, a narrativa que foi sequestrada junto com eles. Nos corredores frios dos museus, não há espaço para o calor dos cânticos e rituais que esses objetos carregam. Somente ao retomar o controle dessas memórias, ao recontar suas histórias, é que o Alto Rio Negro poderá começar a curar as cicatrizes deixadas por séculos de apagamento e violência.

As águas do Rio Negro ainda correm, testemunhas silenciosas da história que ainda pulsa na alma de seu povo. E enquanto essas memórias estiverem aprisionadas, o rio não conhecerá a paz.

Obs.: Estas imagens a seguir foram fotografadas por Renato Athias, entre os anos de 2017 a 2023 nas reservas técnicas dos seguintes museus: Museu Nacional do Índio Americano (Smithsonian Institution) EUA; Museu Missionário Salesiano do Colle Dom Bosco em Castelnuovo, Itália, Museu Etnográfico de Gotemburgo, Suécia selecionadas pelos autores para este ensaio.

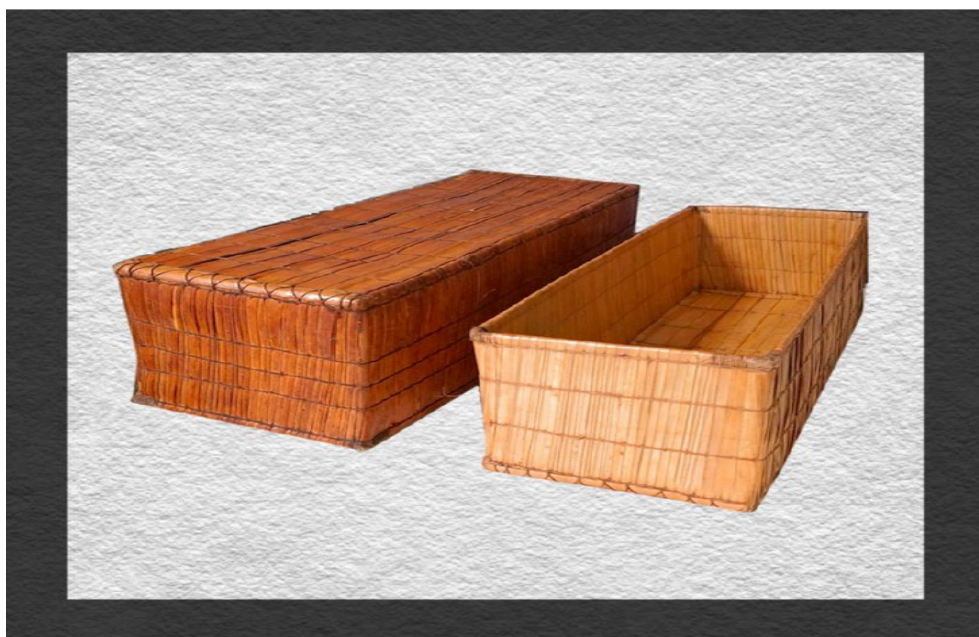
Apoio técnico para edição das fotografias: Jesse J. Messias – ProGraf- Recife.

Figura 1 - A flauta de osso do veado ou Yaí é tocada pelo Baiá, para dar o tom musical guardado pelo Baiá e repassado aos a todos do clã, durante uma festa de Jurupari



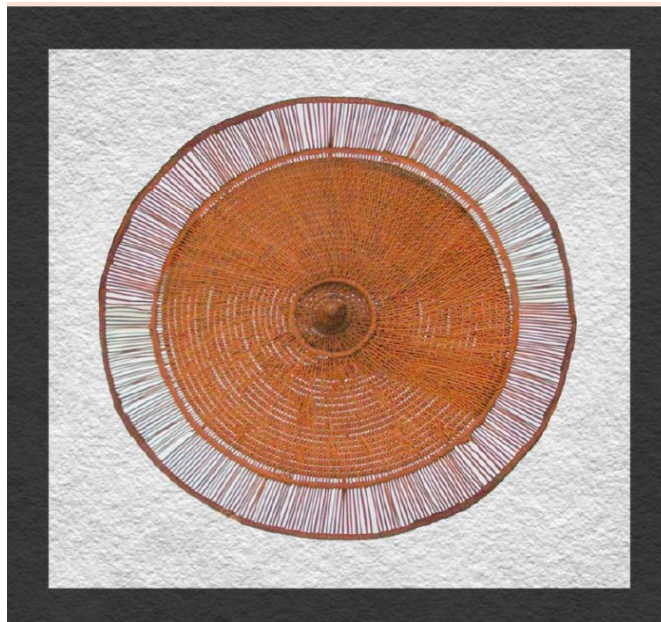
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 2 – Caixa dos enfeites guardava no interior da maloca todos os enfeites plumários de um determinado clã e usados durante as festas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 3 – Escudo cerimonial marca da identidade clânica usado apenas nas festas rituais



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 4 – Colar de um quartzo em formato cilíndrico, símbolo da autoridade clânica



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 5 – Um tipo de cocar de um membro de um grupo de performance durante as festas cerimoniais



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 6 – Porta Cigarro, tabaco, usado nas cerimoniais pelos kumuá, Baiá e Yai para recitar as palavras encantadas e transmitir os conhecimentos clânico



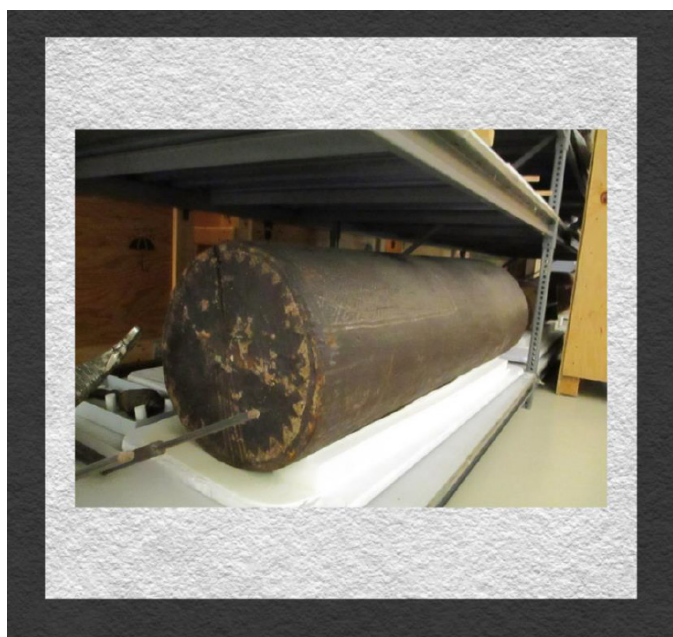
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 7 – Bastão de ritmo, peça especificamente preparadas de embaúba antes da festa ritual que marca o compasso das danças



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Figura 8 – Trocano peça única de um tronco de árvore, usado para marcar a ordem e sequências, bem como dar a tonalidade para as festas cerimoniais, geralmente o imponente trocano ficava na frente da maloca



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

REFERÊNCIAS

ATHIAS, R. Objetos Indígenas Vivos em Museus: Temas e Problemas sobre a Patrimonialização. In: ATHIAS, R.; LIMA FILHO, M.; ABREU, R. **Museus e Atores Sociais: Perspectivas Antropológicas**. Recife: Editora da UFPE/ABA Publicações. 2016, p. 189-2011

BARRETO, D., ATHIAS, R. "No tempo das malocas" - Deslocamentos de Objetos Etnográficos, Narrativas sobre Escravização e Possibilidades de Projetos Colaborativos entre/com os povos indígenas no Alto Rio Negro Amazonas. In: CONGRESSO DA ABRE, 4., Lisboa, 2003. **Anais** [...]. Lisboa, 2003.

DUTRA, I. F. P.; DUTRA, A. Y. **Bayá, Kumu e Yaí: Os Pilares da Identidade Indígena do Uaupés**. Manaus: Editora Valer, 2021

MENEZES, M. *et. al.* **Pa'miri-Masa – A Origem do Nosso Mundo – Revitalizando as culturas dos Rios Uaupés e Papuri**. São Paulo: SSL 2004